



Leia neste número:

Em defesa do Sindicalismo 01

UGT discute o TISA 02

Sindicalista aponta os problemas na Previdência 02

Nissan: a luta continua 03

Formação Sindical no BRICS 03

UGT comemora dez anos na Assembleia 04

FETRACOOP e Fundacentro firmam acordo 04

DIEESE discute Reforma Trabalhista 04

Em defesa do Sindicalismo

Taxa negocial teria valor menor do que o que é pago hoje pelo trabalhador

Em entrevista publicada nesta terça-feira, 8 de agosto, pelo jornal O Estado de S. Paulo e exibida pela Rede TV, **Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT)**, defende a criação da taxa negocial para manutenção do custeio sindical, uma vez que o imposto sindical, após aprovação da reforma trabalhista, deixará de existir a partir de novembro, quando a Lei entrar em vigor.

Patah explicou que, atualmente, além do imposto sindical, que se tornará facultativo, existem: a contribuição associativa, que é paga pelos sócios dos sindicatos, que se utilizam dos médicos, dentistas, suporte jurídico, colônia de férias e clube de campo; a taxa assistencial, que varia de 6% a 10% e é cobrada de uma só vez no salário do mês em que ocorrem as negociações coletivas; e a taxa confederativa, que, geralmente, é de 1% ao mês.

A somatória dessas três contribuições, na opinião do sindicalista, para alguns sindicatos, hoje, chega a 20%.

A proposta da UGT é que essas três contribuições sejam eliminadas e passe a existir apenas a taxa negocial. "Esta seria de 6% ao ano ou 0,5% ao mês, ou seja, muito menor do que a cobrada hoje", explica **Ricardo Patah**.

O valor da taxa negocial seria decidido pelos trabalhadores, em assembleia, com quórum, de forma democrática. "Assim como eles decidirão se querem dividir as férias, ter a jornada menor. O trabalhador sabe o que é importante para ele e saberá com quanto quer contribuir para o movimento sindical", diz **Patah**, que complementa:

"O movimento sindical é muito importante. Ele auxilia na manutenção do equilíbrio nas questões sociais. Além disso, se hoje as pessoas podem protestar e se manifestar, por exemplo, é porque o sindicalismo ajudou a acabar com a ditadura. Como também ajudou a acabar com a inflação. Sem falar que foram as centrais sindicais que desenharam a política do salário mínimo, que é uma distribuição de renda importante. Por tudo isso, é fundamental que o movimento sindical tenha uma forma de custeio. E a forma que estamos propondo vai diminuir o valor da contribuição paga hoje pelo trabalhador".

Essa contribuição servirá para que os sindicatos possam dar continuidade às suas lutas e conquistas, como vale-refeição, cesta básica, assistência médica, aumento real até em épocas de crise, busca pelo trabalho decente e a inclusão social, fim da precariedade, da reinserção dos tantos desempregados ao mercado de trabalho, PLR (Participação nos Lucros e Resultados), entre tantas outras. A contribuição servirá para que as entidades sindicais continuem agindo em favor do trabalhador, pela manutenção dos seus direitos. "As mudanças que estamos propondo visam a um Brasil com mais condições", finaliza o presidente ugetista.



"O movimento sindical é muito importante (...) É fundamental que o movimento sindical tenha uma forma de custeio. E a forma que estamos propondo vai diminuir o valor da contribuição paga hoje pelo trabalhador", Ricardo Patah, presidente da União Geral dos Trabalhadores (UGT)



UGT nos seus dez anos de luta

UGT discute o TISA

Tratado pode transformar, para pior, a economia no setor de serviços.

TISA. O que é? Quem está envolvido? Quem ganha? Quem perde? Como isso pode nos atingir e como resistir a esse tratado? Para tentar responder a essas perguntas o **Secretariado Global da ISP** (Internacional de Serviços Públicos) e a **Fundação Friedrich Ebert no Brasil** (FES Brasil), promoveram nos dias 7 e 8 de agosto um seminário voltado para dirigentes sindicais.

Realizado na sede da UGT nacional, o evento reuniu especialistas que abordaram os seguintes temas: As ações das Empresas Transnacionais; Protocolo sobre Empresas Transnacionais e Direitos Humanos; TISA a pior ameaça aos serviços públicos e a luta da ISP; Jornada Continental pela Democracia e Contra o Neoliberalismo.

Entre os palestrantes estavam o economista Ladislau Dowbor, que aproveitou o encontro para fazer o pré-lançamento do seu livro: "A Era do Capital Improdutivo"; os professores Renato Leite (Universidade Mackenzie) e Lucas Taschetto (Universidade Federal do ABC); Jocélio Drummond e Leandra Perpétuo (ISP); Gonzalo Berrón (FES) e Vânia Ribeiro (CSA).

Durante a abertura do seminário, o **presidente nacional da UGT, Ricardo Patah**, destacou a importância e relevância da discussão sobre o TISA, "tratado que da forma como vem sendo construído, aprofunda o desequilíbrio na já frágil, correlação de forças entre o Capital e o mundo do trabalho".

O TISA é um acordo internacional voltado para a área de comércio e serviços, que envolve cerca de 70% da economia mundial e conta com cerca de 50 países membros. Em linhas gerais, o tratado tem como objetivo a desregulamentação, liberalização e privatização de serviços públicos, atingindo setores de Transportes, Comunicação, Saúde, Educação, Água, Energia Elétrica, entre outros segmentos que passariam a ser controlados por empresas transnacionais.

"O que verdadeiramente está em jogo neste acordo é muito mais que comércio, muito mais que serviços. Está em jogo o próprio conceito de democracia, a liberdade de um povo escolher como deve funcionar o Estado e suas prioridades em oferecer serviços básicos; de definir o modelo de desenvolvimento preferível em busca de um futuro melhor e mais sustentável", afirma o dirigente da ISP, **Jocélio Drummond**.

Ao final do encontro, entre as ações sugeridas está a confecção de uma cartilha com conteúdo explicativo sobre o acordo que deverá ser disponibilizada para as entidades sindicais interessadas. Além da cartilha, os participantes concordaram com a criação de um blog e uma fanpage exclusiva para tratar do assunto. O calendário de ações, também inclui a realização e participação de novos seminários para debater a questão.

Sindicalista aponta os problemas na Previdência

A última participação do **secretário nacional de Relações Institucionais da União Geral dos Trabalhadores (UGT), Miguel Salaberry Filho**, na condição de integrante do Conselho Nacional da Previdência (CNP), realizada no dia 7 de agosto, demonstrou porque o governo federal apresenta propostas de reformas que passam longe da causa dos problemas.

Entre os itens da pauta da 240ª reunião ordinária do CNP, a apresentação da Proposta Orçamentária da Previdência relativa ao Projeto de Lei Orçamentária Anual (PLOA 2018), na qual foi exposta somente a previsão das despesas, sem constar a previsão de receitas e arrecadação. Também não o montante da dívida de inadimplentes e sonegadores, que deveria ser cobrado. O ugetista questionou a exibição de demonstrativo parcial e cobrou a apresentação completa na próxima do Conselho, em que figurassem não apenas os pagadores, mas também os devedores.

Para Salaberry, é injusto que o governo proponha que o brasileiro trabalhe por mais tempo para se aposentar, a reforma da Previdência Social ignora os R\$ 426 bilhões que não são repassados pelas empresas ao INSS. O valor da dívida equivale a três vezes o chamado déficit da Previdência em 2016. Esses números, levantados pela Procuradoria Geral da Fazenda Nacional (PGFN), não são levados em conta na reforma do governo Michel Temer.



Base de datos sobre el TISA



Nissan: a luta continua

Na sequência de uma campanha sem precedentes de ameaças corporativas e intimidação, os funcionários da Nissan recusaram a tentativa de criação de um sindicato. A União Geral dos Trabalhadores (UGT) se solidariza com os trabalhadores da Nissan e lança um alerta, pois o mesmo pode acontecer no Brasil.

Em uma eleição de dois dias supervisionada pelo Conselho Nacional de Relações Trabalhistas (NLRB), os funcionários da fábrica da Nissan Canton votaram 2244 para 1307 contra a representação sindical.

"Os corajosos trabalhadores da Nissan, que lutaram incansavelmente para a representação sindical ao lado de líderes comunitários e de direitos civis, devem se orgulhar de seus esforços para serem representados pelo UAW", disse Dennis Williams, presidente da UAW. "O resultado da eleição foi um revés para esses trabalhadores, o UAW e para os americanos trabalhando em todos os lugares, mas de forma alguma deve ser considerado uma derrota".



Williams acrescentou: "Talvez reconhecendo que eles não poderiam impedir que seus trabalhadores se juntassem ao nosso sindicato com base nos fatos, a Nissan e seus aliados anti-trabalhadores dirigiam uma campanha cruel contra sua própria força de trabalho, com intensas táticas de coação, desinformação e intimidação".

"Estamos decepcionados, mas não nos surpreendemos com o resultado em Canton", disse **Gary Casteel**, secretário-tesoureiro do UAW e diretor do departamento transnacional do sindicato internacional. "Apesar de reivindicar por anos serem neutros sobre a questão de uma união, a Nissan realizou uma das campanhas antissindicais mais ilegais e antissindicais que eu vi na minha vida".

Ricardo Patah, presidente nacional da **União dos Trabalhadores (UGT)** acompanhou as eleições. Na opinião do presidente da UGT a Nissan, presidida pelo brasileiro Carlos Gross, realizou uma das mais violentas campanhas antisindicas da história contemporânea do movimento sindical americano.

Todas estas táticas de intimidação são graves violações das Convenções 98 e 87 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), das Diretrizes da OCDE e do Acordo Marco Global da própria Renault com a IndustriALL.

Para Patah, a ação do brasileiro Carlos Gross é um experimento do que pode acontecer no Brasil, depois da nova lei trabalhista. "O Capital não tem pátria. Não tem bandeira. Só visa o lucro, esteja onde ele estiver. O que está acontecendo no Mississipi pode acontecer no Brasil. Eles não estão respeitando direitos, princípios e ética. É uma violência comandada por um brasileiro, que já se declarou inimigo dos sindicatos", afirma Patah.

Formação Sindical no BRICS

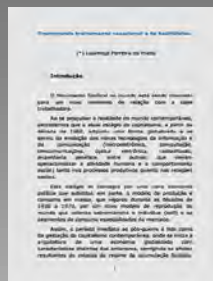
UGT defende Formação durante reunião do BRICS sindical



Durante a sua participação no BRICS Sindical em Pequim na China, no último dia 24 de julho, o **Secretário de Relações Internacionais da UGT, Lourenço Ferreira Prado**, destacou a importância da realização do trabalho de formação de quadros, para enfrentar a nova realidade da economia que privilegia o indivíduo em detrimento a produção e o consumo de massa. O **BRICS** é um mecanismo internacional que engloba cinco países de economia emergente (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul).

Atualmente, os BRICS são detentores de mais de 21% do PIB mundial. Representam 42% da população mundial, 45% da força de trabalho e o maior poder de consumo do mundo. Destacam-se também pela abundância de suas riquezas nacionais e as condições favoráveis que atualmente apresentam para explorá-las.

Segundo Lourenço, os sindicatos precisam resgatar sua atribuição formativa, atingindo amplas massas, porque são as entidades de base que realizam o contato direto com o trabalhador. São fundamentais as combinações de estratégias de formação e comunicação.



Confira a íntegra da exposição de Lourenço Prado

UGT comemora dez anos na Assembleia de São Paulo

Uma sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo nesta segunda, 7 de agosto, comemorou os dez anos da **União Geral dos Trabalhadores (UGT)**. A sessão foi solicitada pelo **deputado federal e vice-presidente da UGT, Davi Zaia**, e autorizada pelo presidente da Assembleia, Cauê Macris.

Além do deputado, compuseram a mesa da solenidade Ricardo Patah, presidente nacional da UGT e do Sindicato dos Comerciantes de São Paulo; o ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, Gilberto Kassab; Eduardo Anastasi, representando o ministro do Trabalho, Ronaldo Nogueira; os deputados Ramalho da Construção e José Américo; e o vice-presidente da UGT Roberto de Lucena.



“Desde que nasceu, a UGT luta pela base, pelos que muitas vezes não têm voz. Nós nascemos para somar, agregar, unir. Fomos sempre contra qualquer tipo de segregação. Nesses dez anos, são muitas as atividades das quais nos orgulhamos. Lutamos pela acessibilidade, pelo direito da mulher, pela inclusão, pelo público LGBT, entre muitas outras ações. A UGT já nasceu com o conceito de inclusão e respeito. É por isso que, há dez anos, tínhamos 180 sindicatos e, hoje, são 1386 filiados. Estamos num momento difícil, mas a reforma trabalhista está aí e vamos superá-la com criatividade. A UGT é reformista desde sempre, mas não de forma que prejudique o trabalhador. É justamente o contrário o que queremos e vamos conseguir. Vamos lutar pela reforma política e pelo fim da corrupção, tornando o sindicalismo cada vez maior”, falou Ricardo Patah.

FETRACOOOP e Fundacentro firmam acordo de cooperação

A **FETRACOOOP – Federação dos Trabalhadores em Cooperativas no Estado do Paraná** (entidade filiada à UGT), firmou termo de cooperação técnica com a **Fundacentro – Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho**.

O ato ocorreu na terça-feira (8/8), na sede da Fetrapcoop, em Curitiba, e reuniu dirigentes das entidades filiadas à Fetrapcoop; além da presença do presidente da UGT-Paraná, Paulo Rossi; do assessor da Fundacentro/SP, Whashington dos Santos; do Chefe da Fundacentro/PR, Marco Aurélio de Miranda Carvalho; do presidente da Fetrapcoop, Clair Spanhol e dos dirigentes nacionais da UGT: Adir de Souza, Paulo Sérgio dos Santos e Alexandre Donizete Martins.

O presidente da Fetrapcoop, **Clair Spanhol**, comemorou a parceria. “Já havíamos instituído no âmbito da diretoria da federação um setor específico para tratarmos das condições de saúde e segurança dos cooperários e cooperárias (trabalhadores celetistas), nas cooperativas, e com a expertise da Fundacentro – órgão vinculado ao Ministério do Trabalho, com certeza quem irá ganhar com essa parceria serão os nossos representados, e as próprias cooperativas, que terão acesso aos setores mais sensíveis a acidentes de trabalho, e com isso a prevenção será o caminho para a erradicação de acidentes graves e que muitas vezes acarretam em sérios problemas para os trabalhadores”, concluiu Spanhol. (UGT Paraná)

DIEESE discute Reforma Trabalhista

NT nº 178 - A Reforma Trabalhista e os impactos para as relações de trabalho

Esta Nota traz os principais pontos do projeto da reforma trabalhista. A proposta cria condições para a retirada de direitos dos trabalhadores, promovendo a precarização do trabalho.

NT nº 179 - Relações de trabalho sem proteção: de volta ao período anterior a 1930?

Relações de trabalho *sem proteção: de volta ao período anterior a 1930?*

O UGT Global é o Boletim de Informação Internacional da União Geral dos Trabalhadores.

A UGT é uma organização sindical constituída para defender os trabalhadores brasileiros através de um movimento sindical amplo, cidadão, ético, solidário, independente, democrático e inovador.

Diretor de Comunicação: Marcos Afonso de Oliveira – MTb 62.224/SP
Jornalista Responsável: Mauro Ramos



NT nº 178 -
Impactos para as
relações de trabalho
no Brasil



NT nº 179 -
Relações de
trabalho sem
proteção